

## **TESTES ABC: A ALFABETIZAÇÃO EM UM JARDIM DE INFÂNCIA**

GIANI RABELO (UNESC).

### **Resumo**

No intuito de promover uma maior aproximação entre as práticas assistenciais e educativas, protagonizadas por religiosas do Instituto Coração de Jesus junto às crianças, filhas de operários de uma empresa do complexo carbonífero do sul de Santa Catarina (Tubarão– Brasil) entre os anos de 1960 a 1970, o estudo analisa as práticas pedagógicas implementadas pelas religiosas e professoras leigas, registrada na Crônica do Jardim de Infância Cristo Rei. Entre estas práticas, o ensino da leitura e da escrita era priorizado no 3º Período, ou seja, no ensino das crianças de 6 a 7 anos, o que é confirmado pela introdução dos Testes ABC no Jardim de Infância, a partir de 1961. Os Testes ABC eram empregados com a finalidade de medir o grau de maturidade para a leitura e para a escrita, ficando as crianças classificadas em diferentes níveis de maturidade. O processo de exclusão promovido pelos resultados dos Testes ABC reafirmaram as bases teóricas que os sustentam, pautadas na idéia de que crianças imaturas biologicamente são incapazes de aprender. Das anotações realizadas na Crônica sobre os resultados dos testes, fica evidente que a maior parte das crianças entre seis e sete anos alcançava o nível médio e superior, raros eram os casos de crianças com nível de maturidade elevado ou elevadíssimo. No entanto, também havia aquelas que eram classificadas no nível inferior, ou melhor, nulo e até aquelas incapazes de responderem aos testes.

### **Palavras-chave:**

Testes ABC , Alfabetização , Jardim de Infância .

---

### **Introdução**

Desde o início do século XIX até o final do século XX a extração do carvão mineral dinamizou a vida econômica da região do sul de Santa Catarina. As cidades que abarcaram as atividades ligadas à extração do carvão integravam o complexo carbonífero catarinense.

A partir dos anos de 1950 cinco congregações religiosas femininas disseminaram-se em cinco cidades que compreendiam parte do complexo carbonífero distribuídas em diferentes vilas operárias. O trabalho realizado por elas foi analisado na tese de doutorado denominada "Entre o hábito e o carvão: a pedagogia missionária no século XX no sul de Santa Catarina" (2008).

Na referida pesquisa reuniram-se documentos escritos e iconográficos, conservados pelas congregações. Três importantes documentos foram localizados e a partir da análise dos mesmos foi possível observar a ação insidiosa das religiosas na "reeducação" das famílias. Entre os três documentos analisados, encontra-se a Crônica do Jardim de Infância Cristo-Rei (1960-1970).

Como em outras vilas, em Capivari de Baixo, na Vila Operária Mendonça Lima da Companhia Siderúrgica Nacional - CSN, onde estava instalado o Lavador de Carvão e a Usina Termoelétrica, também existia um educandário para atender os filhos e filhas de operários de quatro a sete anos de idade. Este, por sua vez, foi construído e mantido pela própria empresa e administrado pelas religiosas do

Instituto Coração de Jesus. A atuação das religiosas do Instituto Coração de Jesus, especialmente neste Jardim de Infância, resultou de um convênio firmado entre a congregação e o Departamento de Serviço Social da CSN.

O documento *Crônica do Jardim de Infância Cristo-Rei de Capivari* constitui uma espécie de diário das atividades, que registra diversos aspectos do cotidiano do Jardim de Infância. O documento possibilita uma aproximação com as práticas pedagógicas missionárias das freiras como jardineiras e de suas auxiliares, ao trazer vestígios daquela cultura escolar, dos fazeres daquelas educadoras dentro e fora do educandário, das diferentes habilidades exigidas das crianças e das jardineiras e suas auxiliares, das marcas de modelação e o modo como foram operadas no cotidiano do educandário. Uma das práticas instauradas junto às crianças foi a aplicação dos Testes ABC, algo que chamou a atenção da pesquisadora e que será problematizado neste artigo.

### **A implantação do Jardim de Infância Cristo-Rei na Vila Mendonça Lima**

Em Capivari, a montagem das instalações da CSN aconteceu entre os anos de 1943 e 1945. Para acolher seus operários, entre outras iniciativas, a empresa organizou uma espécie de mini-cidade, composta por vários equipamentos comunitários, entre eles o Jardim de Infância. O educandário foi administrado pelas religiosas do Instituto Coração de Jesus, por meio de um convênio estabelecido entre a empresa e a congregação.

Este tipo de instituição infantil foi também instalada em outras vilas operárias do complexo carbonífero, em especial a partir dos anos de 1960 e as religiosas inscrevem-se, então, neste movimento histórico de confinamento e cuidado da primeira infância, imbuídas do espírito educativo-catequético.

Quando as irmãs do Instituto Coração de Jesus chegaram a Capivari, em 1956, o jardim de infância ainda não havia sido construído. Após muitas discussões sobre onde iria funcionar o referido estabelecimento, a CSN construiu um espaço apropriado.

O Jardim de infância da Vila Mendonça Lima coeçou a funcionar em 1960. O lugar escolhido era conhecido por todos como o "redondo" e nele foi construído um prédio com duas salas de aula (Anexo 1). Dois anos após a inauguração, o estabelecimento passou a contar com mais duas salas de aula, ampliando o número de matrículas.

O Jardim de Infância administrado pelas religiosas configurou-se como espaço privilegiado para o cumprimento de propósitos missionários e educativos, normalizadores e disciplinadores, católicos e cívicos.

A *Crônica do Jardim de Infância Cristo-Rei* indicia em detalhes a experiência das religiosas à frente desta obra missionária, de 1960 até 1970. Contém informações detalhadas e minuciosas sobre o cotidiano da instituição infantil e a ação das religiosas junto às crianças.

No início as crianças tinham como professoras-jardineiras as próprias irmãs auxiliadas por leigas (Anexo 2). Posteriormente, leigas assumem o papel de professoras e uma delas foi Josefina Furlan.

Para oferecer no Jardim de infância uma "formação sólida, cristã e social dos pequeninos" (CRÔNICA, 1960-1970: 5), futuros operários da CSN, era preciso que as educadoras tivessem também uma sólida formação. Com esta finalidade as

religiosas do Instituto Coração de Jesus participaram de vários momentos de formação.

Entre as práticas pedagógicas implementadas pelas religiosas e professoras leigas encontra-se registrada a aplicação dos Testes ABC, fato este que nos chamou atenção por ser a alfabetização algo já valorizado no Jardim de Infância nos anos de 1960 e por ser algo oriundo dos anos de 1930 com Lourenço Filho, um dos signatários do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*.

### **O escolanovista Lourenço Filho e os Testes ABC**

O ensino público torna-se algo assumido pelo estado brasileiro no contexto das reformas republicanas, no entanto os altos índices de analfabetismo se configuravam num grave problema nas décadas de 1920 e 1930. Neste cenário, vários educadores eram adeptos, apesar de suas diferentes concepções, a idéia de que a escola pública deveria ser propagada para todos. Entre esses educadores se fortaleceram as idéias escolanovistas em oposição ao ensino tradicional. O movimento que melhor expressou premissa da escola pública para todos foi o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, de 1932.

Sobre o manifesto Saviani (2004) anuncia:

[...] a idéia central que sempre vem à tona é a de que se trata de um documento de política educacional em que, mais do que a defesa da Escola Nova, está em causa a defesa da escola pública. Nesse sentido, o *Manifesto* emerge como uma proposta de construção de um amplo e abrangente sistema nacional de educação pública, abarcando desde a escola infantil até a formação dos grandes intelectuais pelo ensino universitário (p. 184).

Nesta acepção, a Pedagogia Nova apregou uma preocupação com a formação do caráter e da personalidade do indivíduo, envolvendo, para este fim, conhecimentos do campo da biologia e, igualmente, da psicologia. Foi uma espécie de contraposição à Pedagogia Tradicional que se manteve até o início do século XX. Para os escolanovistas a educação centra-se no aluno e não mais no professor, tendo como principal preocupação a qualidade do ensino. (SCHULTZ & SCHULTZ, 2007: 124).

No cenário demarcado por este movimento Lourenço Filho publicou a obra "*Testes ABC - para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita*". Obra publicada pela primeira vez em 1933[2] (Anexo 3). Não reunia provas originais, ao contrário, agrupavam testes e técnicas bem conhecidas.

Num primeiro momento, compunham uma série de vinte e dois exercícios. À medida que estes foram sendo experimentados, houve uma redução dos exercícios, passando então para oito os pontos de análise, que foram esboçados e deveriam ser observados na hora da aplicação dos testes.

As oito provas verificavam, de acordo com o autor, os seguintes índices de maturidade, considerados necessários ao aprendizado da leitura e da escrita: 1. coordenação visual motora; 2. resistência à inversão na cópia de figuras; 3. memorização visual; 4. coordenação auditivo motora; 5. capacidade de prolação; 6. resistência à escola; 7. memorização auditiva; 8. índice de fatigabilidade; 9. índice de atenção dirigida; 10. vocabulário e compreensão geral (LOURENÇO FILHO, 1962: 57). Os testes mediam a "maturidade" das crianças para o exercício da leitura e da escrita e cujos resultados permitiam classificar as crianças em grupos com o mesmo nível, ou seja: fortes, médias e fracas.

Cada criança deveria ser examinada individualmente com o objetivo de se anotar e registrar o comportamento e a atitude do aluno em cada teste, permitindo o estudo particularizado.

De acordo com Lima (2007):

Os testes ABC eram apresentados como um recurso simples, rápido, eficiente e econômico. Em apenas oito minutos, aproximadamente, era possível identificar o grau de maturidade de uma criança para o aprendizado da leitura e da escrita e prever o tempo e os recursos necessários para ensiná-la a ler e a escrever. "Qualquer pessoa, de satisfatório cultivo", poderia aplicar o exame, bastava que tivesse uma atitude adequada [...] (p.14

Ainda segundo Lima (2007):

Esses testes eram apresentados, portanto, como a possibilidade de estabelecer uma classificação inicial dos alunos ingressantes na escola primária, que ofereceria aos professores uma base mais segura para o início do trabalho. Os resultados dos alunos nos testes permitiam prever ainda o tempo necessário à aprendizagem da leitura e da escrita, em condições "normais": o grupo forte seria capaz de aprender a ler e a escrever sem maiores dificuldades em apenas um semestre, o grupo médio aprenderia normalmente no prazo de um ano letivo e o grupo fraco não conseguiria aprender no prazo estabelecido a não ser em condições especiais, com atendimento individualizado e em classes com um número reduzido de alunos. (p. 146)

Os testes ABC foram aplicados intensamente no Brasil e influenciaram significativamente os discursos dos educadores da época, tendo sido aplicado em diversos contextos para classificarem as crianças da primeira série, embora não tenha alcançado todas as escolas públicas brasileiras. Sua aplicação se deu antes mesmo da primeira publicação da obra, pelo próprio autor, quando ocupava o cargo de Diretor Geral do Ensino, no estado de São Paulo. Vários educadores em diferentes lugares do país aplicaram o teste. A obra de Lourenço Filho foi traduzida em diferentes línguas, circulando nos países da América Latina, França e nos Estados Unidos. Vários textos publicados em revistas voltadas para a educação fizeram referência aos testes ABC (LIMA, 2007: 147-8).

### **Os Testes ABC e sua aplicação no Jardim de Infância Cristo Rei nos anos de 1960**

O propósito dos testes ABC não era verificar a aprendizagem da leitura e da escrita, afirmação que apareceu nos registros da Crônica. Para Lourenço Filho (1962: 57), os testes ABC serviam para classificar as crianças, "pela capacidade real de aprendizagem na leitura e na escrita", ou seja, não tinham a intenção de identificar se a criança sabia ler e escrever, mas sim medir o nível de capacidade para a aprendizagem desses dois processos. Mais precisamente, "os testes ABC foram organizados para um objetivo fundamental: diagnosticar nas crianças, que procuram a escola primária, *um conjunto de capacidades necessárias à aprendizagem da leitura e da escrita*" (LOURENÇO FILHO, 1962: 143).

A concepção inatista-maturacionista que subsidia a formulação dos testes ABC, ao colocar a aprendizagem na dependência do desenvolvimento biológico, influenciou muito a escola, inaugurando a relação entre a psicologia científica e a educação. No Brasil, as principais pesquisas nesse campo aconteceram no início do século XX, mais precisamente na década de 20, quando foram implantados laboratórios de Psicologia Experimental e de Psicologia Pedagógica nas Escolas Normais. Neles, as

crianças eram examinadas e suas reações psicofísicas eram medidas. Foi por meio deste trabalho que os primeiros testes psicológicos chegaram às escolas. "O primeiro teste para avaliar a prontidão de crianças para a alfabetização foi desenvolvido por um educador, Lourenço Filho" (FONTANA; CRUZ, 1997: 20).

A presença dos saberes científicos na prática pedagógica das religiosas é indiscutível, ficando isso ainda mais evidente na preparação das crianças para a escola primária. O ensino da leitura e da escrita era priorizado no 3º Período, ou seja, no ensino das crianças de 6-7 anos, o que é confirmado pela introdução dos testes ABC no Jardim de Infância, a partir de 1961.

Antes de aplicar os referidos testes junto às crianças do Jardim, as mães foram orientadas em uma das reuniões mensais que eram organizadas pelas freiras. Sobre esse assunto as jardineiras discutiram na Crônica (1960-1970):

os testes ABC são empregados para a verificação da aprendizagem da leitura e da escrita. Conforme o número de pontos obtidos nos exercícios ali propostos, podemos ver claramente o que acontecerá com essa criança ao ingressar no Primário. Por exemplo: uma criança tirando 18 pontos ela tem o nível de "maturidade superior". Até 20 pontos ela tem "elevado" e acima de 20 tem "elevadíssimo". Tendo, porém 14 ou 15 pontos, o nível dela é inferior e necessita ficar mais um ano no jardim, porque na Escola ela não produzirá, onde temos muitos casos de umas crianças serem reprovadas duas ou três vezes no 1º. ano. (p. 25).

O processo de exclusão promovido pelos resultados dos testes ABC reafirmam as bases teóricas que os sustentam, pautadas na idéia de que crianças imaturas biologicamente são incapazes de aprender. Para Fontana e Cruz (1997: 21), "os resultados de tais testes têm, historicamente, impedido que inúmeras crianças tenham acesso ao conhecimento e à própria escolarização, ao fornecerem indicadores de sua 'imaturidade' ou de seus 'déficits' de 'inteligência'.

A jardineira Josefina Furlan, conhecida como Pina, ficou responsável pela aplicação dos testes ABC. Pina era uma das jardineiras leigas mais experientes, tinha o Curso Complementar e antes de ser convidada para trabalhar no Jardim de Infância atuou numa escola da rede municipal e também era chefe dos Lobinhos do Grupo de Escoteiros de Capivari. Iniciou seus trabalhos a partir do ano letivo de 1961. A aplicação dos referidos testes, apesar de exigir uma forte preparação e roubar muito tempo de quem os aplicava, trazia "grandes valores", nos dizeres da Crônica (1960-1970: 25).

Das anotações realizadas na Crônica sobre os resultados dos testes, fica evidente que a maior parte das crianças entre seis e sete anos alcançava o nível médio e superior, raros eram os casos de crianças com nível de maturidade elevado ou elevadíssimo. No entanto, também havia aquelas que eram classificadas no nível inferior, ou melhor, nulo e até aquelas incapazes de responderem aos testes. Em 1964, por exemplo, foi apontado o caso de duas crianças e preanunciado que "essas duas últimas crianças precisarão de muita compreensão por parte dos professores, pois elas infalivelmente hão de encontrar grande dificuldade no aprendizado" (CRÔNICA, 1960-1970: 45). Entretanto, o prenúncio também era feito para aquelas que se saíam muito bem, uma vez que "com aquelas cujo nível de maturidade foi elevado, superior, não haverá problemas, pois as mesmas assimilarão sem dificuldades os seus estudos do primário, salvo se forem preguiçosas" (CRÔNICA, 1960-1970: 45).

Dois anos mais tarde, dois casos críticos foram registrados. Dessa vez, crianças que não passaram pelo teste, "sendo que uma era retardada e da segunda, não foi possível 'arrancar' uma palavra" (CRÔNICA, 1960-1970: p. 57). Este procedimento vai ao encontro daquilo que era indicado por Lourenço Filho (1962).

Para os Testes ABC, tome o professor um a um de seus alunos: terá oportunidade de distinguir, assim, além das capacidades que essas provas desejam por em relevo, outros aspectos particulares do comportamento de cada criança. Breves anotações, no correr das provas e à margem delas, forneceram dados preciosos acerca do estado geral de saúde do examinando; de deficiências da visão e da audição; blesidade ou gagueira; deficiência de vocabulário; emotividade, dificuldade de adaptação, instabilidade (p. 119).

Para as crianças que concluíam o 3º Período, no dia da formatura eram entregues os diplomas-teste. A primeira entrega dos resultados dos testes ABC, no ato da formatura, é descrita na crônica como tendo sido motivo de alegria para as chefias da CSN. Segundo os apontamentos inscritos "os testes foram devidamente escritos e avaliados. Para o dia do encerramento, colocamos uma capinha branca com o nome, contornando com uma fitinha verde-amarela. A chefia ficou muito contente, ela há muito tempo desejaram que casa criança, ao deixar o Jardim, tivesse algo que demonstrasse o seu aproveitamento no mesmo" (CRÔNICA, 1960-1970: 26). A partir de 1968, os testes individuais deixaram de ser entregues aos pais do Jardim e passaram a ser entregues diretamente às professoras do primeiro ano primário.

## CONCLUSÃO

A publicação da obra "*Testes ABC - para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita*", de Lourenço Filho, foi algo que contribuiu sobremaneira para o movimento da escola nova, pois foi uma obra que circulou em vários países e motivou a publicação de vários artigos, influenciando o pensamento e o discurso de inúmeros educadores. Sua repercussão foi tão significativa que atingiu as práticas pedagógicas das jardineiras do Jardim de Infância Cristo Rei, quase trinta anos depois. Cabe ressaltar que os testes ABC foram os primeiros testes psicológicos a chegarem às escolas.

Mesmo que Lourenço Filho tenha preconizado que os testes ABC não deveriam servir para verificar a aprendizagem da leitura e da escrita e sim verificar a capacidade real de aprendizagem destas, esta prática ficou evidenciada nos registros da Crônica. Portanto, a aplicação dos testes não se limitava apenas em estabelecer um diagnóstico das capacidades necessárias para aprendizagem da leitura e da escrita, dependendo dos resultados, a criança poderia inclusive ser reprovada, tendo que ficar mais um ano no jardim de infância, pois estava fadada a repetir o 1º ano escolar. Podemos inferir que esta exclusão estava pautada na idéia de que crianças imaturas biologicamente são incapazes de aprender.

Dar visibilidade pública ao trabalho realizado durante o ano letivo, por meio dos resultados dos testes ABC, entregá-los às crianças na presença dos Diretores da CSN, parece ter sido, uma estratégia das religiosas para obter reconhecimento e legitimidade de seu trabalho diante da mantenedora.

A aplicação dos testes mostra os movimentos das freiras no sentido de dotar a ação pedagógica de "validade científica", movimento que buscava validar e fortalecer a presença das religiosas na vila operária. Isto nos faz pensar sobre a produção de um efeito de verdade em relação aos mantenedores, muito mais do que em relação às famílias.

## REFERÊNCIAS

CRÔNICA do Jardim de Infância Cristo-Rei de Capivari (1960-1970). Instituto Coração de Jesus. Capivari (Santa Catarina).

FONTANA, Roseli A. C.; CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

LMA, Ana Laura Godinho. Testes ABC: proposta de governo de uma população problemática **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional** (ABRAPEE) • Volume 11 Número 1 Janeiro/Junho 2007 • 139-163

LOURENÇO FILHO, M. B. **Testes ABC para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962. v. 3.

SAVIANI, Demerval. Setenta anos do Manifesto e 20 anos de Escola e democracia: balanço de uma polêmica. In: XAVIER, Maria do Carmo (org). **Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004 183-203.

SHULTZ, Duane P.; SHULTZ, Sidney Ellen. **História da Psicologia Moderna**. São Cultrix, 2000.

MONARCHA, Carlos; FILHO, Ruy Lourenço. **Por Lourenço Filho: uma bibliografia**. Brasília/DF: INEP/MEC, 2001.

---

[1] Professora da UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense nos cursos de licenciatura e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Líder do GRUPEHME-Grupo de Pesquisa Memória e História da Educação

[2] O livro em sua 6ª edição, publicado em 1962, além de trazer dois novos capítulos, traz também o material para a aplicação dos testes ABC, em anexo.

Anexo 1



**Figura 1:** Instalações do Jardim de Infância da Vila Mendonça Lima-Capivari/Tubarão(SC) (1960)

**Fonte:** Arquivo Público Municipal de Tubarão/SC

Anexo 2



**Figura 2:** Jardineiras (religiosas e leigas) do Jardim de Infância Cristo-Rei (dec. 1970)  
**Fonte:** Arquivo Particular de Josefina Furlan (Pina)

Anexo 3



**Figura 3:** Capa livro *Testes ABC* – para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita, publicado em 1933

**Fonte:** (apud MONARCA; LOURENÇO FILHO, 2001, p. 60)